

*Batalhas para além de confetes e serpentinas:
a espetacularização no carnaval pernambucano e nos
maracatus-nação**

IVALDO LIMA**

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: O presente artigo discute os maracatus nação recifenses em meio aos processos de disputa entre duas concepções de carnaval, assim como discorre sobre as trocas e diálogos entre esta manifestação e as escolas de samba pernambucanas.

Palavras-chave: Carnaval; Maracatus nação; Espetacularização.

Abstract: The present article discusses the maracatus nation recifenses amidst the processes of dispute between two concepts of Carnival, as well as the exchanges and elaborates on the dialogs between this manifestation and the samba schools pernambucanas.

Keywords: Carnival; Maracatus nação; Spectacularization.

* Recebido em 7 de dezembro de 2015 e aprovado para publicação em 8 de outubro de 2016.

** Professor Adjunto da UNEB DEDC II (Alagoinhas), membro permanente do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em História e do Programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Estudos Africanos e Representações da África.

Durante décadas, o carnaval do Recife foi glorificado por seu caráter “popular” e sua diversidade de manifestações culturais.¹ Também foi aclamado por sua informalidade, pela espontaneidade com que os foliões transitavam pelas ruas com seus blocos, maracatus ou caboclinhos. Um carnaval de rua, com muita improvisação, irreverência e alegria. Este tipo de carnaval, ou esta idealização de uma festa “popular”, naturalmente foi confrontado por outras formas de organização, em que desfiles oficiais, passarelas e arquibancadas remeteram aos espetáculos, turismo e negócios. Esta é a principal questão sobre a qual desejo refletir, especificamente referida à história dos maracatus-nação nessa contenda.

O atual formato do carnaval recifense, em que predomina o sentido de espetáculo, pode indicar questões importantes para o entendimento do cenário atual em que os maracatuzeiros e os seus maracatus fazem intenso sucesso e gozam de grande visibilidade e legitimidade, contrastando com um passado recente, mais precisamente os anos de 1960 a 1990.² Os maracatus-nação se constituem em parte privilegiada das atenções desde 2003, quando em um espetáculo regido por Naná Vasconcelos, abrem oficialmente o carnaval da cidade do Recife, em meio a fogos de artifício, presença dos reis e rainhas do carnaval e discursos das autoridades municipais. Os maracatus-nação podem ser definidos como uma manifestação carnavalesca constituída de uma corte real composta de rei e rainha, seguidos por seus vassalos e por um conjunto percussivo que anuncia a presença do casal real.³ Ora, ressalte-se que os maracatus se fazem presentes no espetáculo da abertura apenas

¹ Ao leitor informo que estou grafando o termo “popular”, entre aspas, por entender que há necessariamente algumas considerações a serem feitas sobre este conceito, que ainda hoje é usado por diferentes estudiosos das mais diversas áreas das ciências humanas e sociais em geral. Antes de tudo, considero que o conceito de “popular” toma como principal referência os aspectos econômicos, ou, tão somente aqueles voltados para a homogeneização das pessoas a partir de sua relação com a classe social. Nesse sentido, o recorte de classe é insuficiente para traduzir questões relacionadas com as práticas e costumes culturais. Sobre o conceito de “popular”, ver: Chartier (1990); 1995; Chauí (1986).

² Sobre o período citado, no qual os maracatus viviam momentos difíceis, ver: Real (1990).

³ Definir um maracatu-nação e estabelecer suas fronteiras com os grupos percussivos, manifestação assemelhada, é algo por complexo, sobretudo devido aos objetivos deste trabalho. Sobre esta questão, ver: Lima; Guillen (2007); Lima (2014).

com os batuqueiros, e não suas cortes! Os mestres dos batuques também comparecem ao evento, mas sua participação no evento é limitada à entrada e saída do evento, uma vez que durante todo o espetáculo a regência dos batuqueiros fica sob a responsabilidade de Naná Vasconcelos.⁴ E este aspecto, por si só, demonstra que o sucesso e o êxito têm seu preço, ou seja, os maracatus estão presentes, mas não da forma como talvez desejassem: é preciso se adaptar e negociar.

O espetáculo tomou ares e grande vigor na capital pernambucana, e os maracatus tiveram de moldar-se aos novos tempos, em alguns momentos abrindo mão dos formatos até então usados pelos maracatuzeiros. Seja na forma de executar os toques, na complexificação dos sotaques dos grupos, ou mesmo no aprimoramento dos estilos das fantasias, buscaram se inserir nos cenários de um carnaval que se tornava espetacularizado, à medida que a passarela e o formato do tríduo momesco exigia. É neste sentido que procurei entender a criação da Noite dos Tambores Silenciosos enquanto outra possibilidade de espaço para os maracatus, uma vez que o carnaval recifense gradativamente ganhava ares de espetáculo desde meados dos anos de 1960. A passarela e o concurso carnavalesco também vão sofrendo transformações ao longo dos anos 1960, 1970 e principalmente 1980. Sofreram transformações, mas ainda existem, apesar de visivelmente marginalizados em um carnaval onde não mais se constituem na atração principal.

Com as mudanças operadas no interior dos maracatus, estes ganharam maior visibilidade na passarela, e constituem na atualidade a atração de maior peso para o público das arquibancadas, juntamente com as escolas de samba pernambucanas. Tanto em número de desfilantes, quanto em demonstração de luxo, os maracatus nação da atualidade em nada deixam a desejar às escolas de samba locais. Aliás, sem nenhum exagero, é plenamente possível afirmar que as fantasias dos maracatus do

⁴ Juvenal de Holanda Vasconcelos, ou simplesmente Naná Vasconcelos, nasceu no Recife, em 02/08/1944. Músico percussionista de larga experiência, ganhou diversos títulos, conferidos por revistas especializadas, além de oito prêmios Grammy. Gravou vários álbuns e é considerado um dos melhores percussionistas do mundo.

grupo especial deste início de década foram superiores em luxo e beleza às apresentadas pelas escolas de samba.

Porém, os maracatuzeiros têm seu protagonismo nesta questão. No tocante às mudanças, ressalte-se neste aspecto as gestões de Zé Gomes, principal articulador do *Maracatu Nação Indiano* nos anos 1960, que promoveu modificações em seu grupo para que o mesmo oferecesse “um espetáculo visual” na passarela do carnaval recifense da época.⁵ Conforme apontado em outros trabalhos, o Indiano chegou a desfilarem com aproximados duzentos figurantes nos últimos anos da década de 1960, quando a maior agremiação carnavalesca da cidade, *Estudantes de São José*, desfilava com aproximados quinhentos desfilantes (LIMA, 2012). A grandeza do *Indiano* ainda hoje é referida nas memórias de antigos maracatuzeiros, a exemplo de Neguinho do Caminhão e Zé de Tânia.⁶ Os maracatus-nação, ao contrário do que representaram diversos estudiosos (especialmente memorialistas e folcloristas), buscaram adaptar-se à passarela no sentido de oferecer belos espetáculos carnavalescos. Diferente do que se escreveu a respeito da decadência dos maracatus, de que estes estavam em desaparecimento, os maracatuzeiros não viveram os tempos ruins “como uma complacência melancólica”, buscaram adaptar-se aos contextos e souberam tirar proveitos das situações em que viviam (CANCLINI, 1998, p. 221).

Estas questões do espetáculo e das adaptações dos maracatus ao carnaval estão presentes na estética e na utilização das saias de armar, que dão a ilusão de uma maior quantidade de integrantes na passarela, no uso de fantasias com muitas cores, luxo e glamour (paetê, veludo, lamê e plumas), e na quebra da antiga concepção de relação orgânica dos desfilantes com a agremiação. Sobre esta questão, recorro às polêmicas que grassavam entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras, opondo Elda Viana à Dona Madalena,

⁵ Zé Gomes foi o articulador e principal liderança do Maracatu Indiano entre os anos 1960 até os anos 1990. Pequeno comerciante, Zé Gomes possuía rara capacidade de aglutinar pessoas em torno de si. Sobre Zé Gomes e o Maracatu Indiano, ver: Lima (2014).

⁶ Tanto Zé de Tânia como Neguinho do Caminhão foram batuqueiros do Maracatu Nação Indiano. A informação de Zé Tânia foi obtida informalmente, e Neguinho do Caminhão foi entrevistado em 28/03/2006, na sua residência, em Chagas Ferreira, comunidade localizada na zona norte do Recife.

que não gostava da ideia de contratar grupos para desfilarem no seu maracatu, prática largamente utilizada por diversos maracatus na atualidade, e iniciada nos anos 1980, por Elda Viana, rainha do *Porto Rico*. Ora, se Madalena, rainha do *Elefante*, não via com bons olhos desfilantes no seu maracatu que não possuíssem vínculos com seu terreiro ou grupo, Elda Viana sabia da importância em trazer outras pessoas para desfilarem no grupo que liderava, mesmo que estes não mais a procurassem durante o ano (LIMA, 2009).

Tratava-se apenas de trazer pessoas para engrossar e crescer visualmente o maracatu, indicando a compreensão por parte de Elda Viana de que a mesma sabia do valor que o espetáculo agregava, e de que seu maracatu precisava oferecê-lo para o público. Era preciso disputar a legitimidade e aceitação frente à poderosa Madalena, tida por muitos setores da intelectualidade local como a sucessora de Dona Santa, antiga rainha do *Elefante*, considerada símbolo da tradição nos maracatus. E era preciso dispor de capital simbólico para fazer frente a essa disputa. Elda Viana não só soube acumulá-lo através das suas performances na passarela, como também construiu estratégias discursivas que lhe permitiram fazer frente à Madalena, rivalizando-a de igual para igual (LIMA, 2009).

Ao longo destes anos, o modelo de carnaval-espetáculo cresceu e ganhou força suficiente para que atualmente possa ser pensado como uma festa espetacularizada, permeada por vários espetáculos. Ao contrário do carnaval carioca, em que o desfile das escolas de samba possui força suficiente para invisibilizar outros tipos de carnaval existentes no Rio de Janeiro, no Recife ocorrem disputas por legitimidade e visibilidade entre diferentes tipos de espetáculo. A *Noite dos Tambores Silenciosos* acontece simultaneamente ao desfile das escolas de samba pernambucanas, no segundo dia do tríduo momesco. Em paralelo a estes eventos, shows de artistas e de agremiações acontecem nos muitos pólos carnavalescos armados e organizados por toda a cidade. E não nos esqueçamos que as cidades vizinhas, a exemplo de Olinda, também possuem seus carnavais.

Não há nenhum pólo, ou espetáculo, que consiga atrair para si grande número de olhares, suficientes para sufocar os demais eventos, excetuando o desfile do Galo da Madrugada, que não ocorre dentro dos moldes do carnaval-espetáculo, posto que não existem separações entre o público e

os componentes do referido bloco, ao menos até o presente momento. Isso não significa dizer que não existam trânsitos entre este acontecimento e o espetáculo, uma vez que as alterações no trajeto do desfile, venda de camarotes e espaços para assistir a passagem dos trios elétricos venha se tornando uma constante na organização do evento. Na atualidade, o desfile do Galo da Madrugada consegue reunir a maior parte das atenções do carnaval pernambucano no Sábado de Zé Pereira. Esse aspecto, contudo, não me autoriza a afirmar que neste dia o carnaval recifense tenha um formato não espetacularizado, até por que simultâneo ao desfile do Galo ocorre outras programações, com formatos diversos.

A espetacularização do carnaval: a institucionalização da passarela

Ao longo dos anos 1970 os jornais pernambucanos foram palco de uma forte batalha dos defensores “do carnaval pernambucano” contra a passarela. Os desfiles carnavalescos, para estes, não deveriam acontecer no mesmo estilo das escolas de samba “cariocas”. A passarela era acusada de transformar os “pernambucanos” em meros espectadores, ao passo que as agremiações carnavalescas autênticas eram preteridas em nome das escolas de samba, “alienígenas” no carnaval pernambucano. O debate em torno da espetacularização do carnaval de Pernambuco é dos mais violentos, a ponto das arquibancadas serem questionadas ao longo dos anos 1960 e 1970, terem deixado de existir em alguns anos na década de 1980 e se firmarem como “reivindicação das agremiações” no final dos anos 1980. Em 1981, no *Diário de Pernambuco*, as declarações em torno da morte da passarela são surpreendentes: “Elas não rimam com frevo, Pernambuco e o seu carnaval”.⁷

Até meados dos anos 1960, o desfile das agremiações ocorria na Pracinha do Diário de Pernambuco, alcunhada como o “quartel general do frevo”. O crescimento do número de agremiações e dos componentes

⁷ Neves: passarela está “sepultada”. *Diário de Pernambuco*, 27/02/1981, p. 11.

destas criou a necessidade de deslocar os desfiles para a Avenida Conde da Boa Vista, provocando reações dos que se colocavam como defensores da tradição e do carnaval “pernambucano”.⁸ Deveria prevalecer no Recife o “carnaval participação”, em que o público participava junto com a agremiação carnavalesca, “fazendo o passo” em meio aos desfilantes do grupo, não havendo separação entre desfilantes fantasiados e foliões ensandecidos pela “loucura de momo”. E de preferência sem mudanças dos locais onde ocorriam os “desfiles participativos”. A matéria abaixo mostra parte das dificuldades que devem ter sido enfrentadas pelos administradores públicos em dar conta de um carnaval que crescia, e que não podia mais ser “feito da forma como era no passado”:

Carnaval no Centro.

Do Sr. Arnaldo de Barros Correia, residente no bairro da Boa Vista, recebemos pelo correio esta carta:

“Está todo mundo louco: querem as autoridades mudar o curso, a passagem, o desfile dos clubes, maracatus e escolas de samba, para a Avenida Caxangá, relegando a segundo plano o centro da Cidade, a Avenida Guararapes, a Pracinha. O QG do frevo e ruas adjacentes, aonde todos os recifenses vem divertir-se. Desde muito tempo se encontra o carnaval recifense descentralizado, Cada bairro, cada subúrbio, estão cuidando de seu próprio carnaval, independentemente da interferência oficial, da Prefeitura ou de qualquer outra repartição pública. Existem ruas cujos moradores se cotizam a fim de determinados clubes transitarem por lá, proporcionando-lhe assim momentos de

⁸ Por mais que os jornais afirmassem ter sido boa a transferência, Leonardo Dantas afirmou que tal questão constituiu-se em um reforço para o carnaval espetáculo. Algumas das matérias que noticiaram a questão: Deslocamento do QG do frevo beneficiou passistas. *Diário da Noite*, 12/02/1964, capa; Descentralização do carnaval obteve o mais completo êxito. *Diário da Noite*, 12/02/1964, p. 02; Carnaval da Conde da Boa Vista abriu uma nova frente do frevo. *Diário da Noite*, 12/02/1964, p. 04. 100 conjuntos carnavalescos desfilarão a partir de hoje no “QG” do frevo. *Última Hora*, 09-02-1964, p. 3. A declaração de Dantas Silva está em: Silva; Maior (1991, p. LXXXIV).

alegria. Tudo isso está certíssimo. Entre isso e mudar definitivamente, com armas e bagagens, locais tradicionais de passagem dos préstitos carnavalescos a distância, a lógica, o bom senso, estão muito longe. O carnaval grosso, grande, o grande carnaval, da Pracinha, deve ficar mesmo onde sempre esteve: no centro, na Avenida Guararapes, com os seus palanques, palanques da Associação dos Cronistas Carnavalescos, palanque da Federação Carnavalesca. O povo deve unir-se contra esse golpe definitivo, de misericórdia, contra o carnaval pernambucano. Velhos foliões, compositores, gente de todos os níveis, devem unir-se contra essa pretensão oficial. O carnaval deve ficar onde estar.⁹

Ao longo dos anos o carnaval vai sendo modificado. A expansão para a praia de Boa Viagem, pensada no final dos anos 1970, é consolidada ao longo dos anos 1980, e o deslocamento das arquibancadas, da Pracinha do Diário para outros trechos da cidade vai ganhando força, tudo isso em meio à oposição que elas sofriam dos “tradicionalistas”. Passarela e desfile, bem como o local em que este deve acontecer são pontos cruciais de uma concepção estruturante sobre o carnaval recifense, e isto é muito mais do que simples debate entre carnavalescos. Importa para a nossa discussão que, ao longo dos anos 1960 as arquibancadas vão se consolidando como modelo de organização do carnaval. A passarela passou a imperar em meio à uma disputa de duas concepções de festa momesca: o carnaval participação e o carnaval espetáculo.

É em meio a este debate que as escolas de samba entram com força, uma vez que o melhor cenário é justamente aquele em que impera a ideia de espetáculo. As escolas são parte de um show, e elas não combinam com a participação desmedida do público. Necessitam de plateia, devem ser admiradas, contempladas de longe, de modo que o enredo, as fantasias e alegorias possam ser visualmente apreciadas e aplaudidas.¹⁰ As agremiações

⁹ Carnaval no centro, o Recife em foco. *Diário da Noite*, 16/01/1967, p. 4.

¹⁰ Em minha tese de doutoramento já havia identificado a estranha ausência de publicações sobre as escolas de samba pernambucanas. Refiro-me ao estranho pelo fato das mesmas constituírem o centro, ou ao menos parte importante do carnaval recifense ao longo dos

de frevo e de maracatu vão adaptar-se a este contexto de espetáculo, e em alguns casos se desritualizando, deixando de lado as “amarras” que os impediam de ter presença de destaque nas passarelas (CARVALHO, 2007).¹¹

O carnaval recifense dos trinta primeiros anos do século XX era regido pelas comissões carnavalescas das ruas, que organizavam os carnavais de cada logradouro, e pelas autoridades existentes nos bairros (vereadores e políticos ligados ao poder público municipal). Em 1935, com a fundação da *Federação Carnavalesca de Pernambuco*, o carnaval passou a ser organizado pela instituição recém criada, em conjunto com alguns órgãos da Prefeitura do Recife e do Governo do Estado. Este carnaval era, eminentemente, feito pelas agremiações carnavalescas, que desfilavam nos bairros e no centro da cidade do Recife. Não existiam palanques para a apresentação de artistas, ou qualquer outro tipo de concorrência com as agremiações. Estas dispunham das atenções da sociedade, que aguardava os seus desfiles para a alegria dos foliões e foliãs (LIMA, 2008).

Era um carnaval bastante diferente do que ocorre nos dias atuais. Nas memórias de antigos maracatuzeiros e carnavalescos em geral, “antigamente” as agremiações carnavalescas se dirigiam a pé para o centro do Recife, com o intuito de se apresentarem “no palanque da Federação Carnavalesca”, localizado na Pracinha do *Diário*.¹² Bois, maracatus, clubes de frevo, troças, ursos, caboclinhos e demais agremiações se deslocavam a pé, dos bairros onde eram sediadas, até o Palanque da Federação. Ao longo do percurso, as agremiações se apresentavam nos diversos palanques existentes nos bairros, a exemplo do *Maracatu Elefante*, que saía de Ponto de Parada, local em que se encontrava sua sede, e passava pelos palanques da Encruzilhada e Santo Amaro, até chegar ao centro da cidade, onde fazia sua apresentação.

anos 1950 até os anos 1990. Ainda hoje atraem significativo público, mas não dispõem da força que reuniam antes. Ver: Lima (2010). Sobre as escolas de samba, ver: Silva (2011); 2012. Ver também: Benjamin (1991).

¹¹ Sobre a espetacularização da cultura popular, ver: Carvalho (2004). Sobre a ideia de espetáculo, ver: Debord (1997).

¹² Entrevista com Amaro, antigo maracatuzeiro do Porto Rico de Eudes Chagas, Encanto do Pina, e atual articulador do Boi Estrela. Sobre esta questão, da locomoção das agremiações carnavalescas a pés para o centro do Recife, ver: Real (2001).

As referências sobre a forma como as agremiações se dirigiam ao centro estão presentes nas memórias de antigos carnavalescos que entrevistei. Em suas falas percebo que o trajeto entre as sedes e a apresentação da agremiação no “palanque” eram feitas a pé, entremeadas por diversas outras apresentações que ocorriam ao longo do percurso. A memória do Sr. Amaro, atual articulador do Boi Estrela, localizado na comunidade de Sotave, na cidade de Jaboaão, mostra como era este carnaval no passado:

[...] Antigamente o carnaval era de buscar o estandarte na sede... íamos a pé para o palanque da Federação Carnavalesca... Passávamos pelos palanques de Água Fria, Arruda, Encruzilhada, Santo Amaro, e seguíamos para a cidade, a pés... O carnaval de antigamente não possuía transportes, como nos dias de hoje... andava-se a pé...¹³

Mas, o carnaval cresce e se institucionaliza. A discussão sobre o turismo, presente desde os primeiros momentos da fundação da Federação Carnavalesca, ganha novos contornos nos jornais. Era preciso dar mais atenção ao carnaval, e organizá-lo melhor. Segundo o escritor Leonardo Dantas Silva:

[...] até os anos cinquenta deste século foi a Federação Carnavalesca Pernambucana responsável pela organização do carnaval do Recife. *Em 1955, prefeito Djair Brindeiro sancionou a lei número 3346, de 07 de junho de 1955, oficializando o carnaval do Recife que passou a ser organizado pelo Departamento de Documentação e Cultura.* A nova lei tinha por objetivo a promoção do carnaval dentro dos seus moldes tradicionais, preservando sobretudo: os clubes de frevo; os maracatus, em sua forma primitiva, e os clubes de caboclinhos” (SILVA, 1991, p. LXXXII – LXXXIII, grifo meu).

¹³ Entrevista com Sr. Amaro, realizada em sua residência, no dia 09/01/2010.

A organização do carnaval, por parte da Prefeitura da Cidade do Recife, é prova mais do que suficiente para indicar a importância e o crescimento do tríduo momesco.

O poder público começava a dispor, com maior ênfase, de políticas públicas para normatizar o carnaval da cidade. Este se institucionaliza, e agora é “organizado” pela DDC, mais uma vez nas palavras de Leonardo Dantas Silva:

[...] A Lei Municipal Número 3346 veio a ser regulamentada pelo decreto número 1332, assinado pelo prefeito Pelópidas Silveira em 23 de janeiro de 1956 [...] O carnaval do Recife passou a ser organizado pelo Departamento de Documentação e Cultura (DDC), que entre 1944 a 1960, com o interregno de nove meses do prefeito Djair Brindeiro, fora dirigido por José Césio Regueira Costa (1907-1989) (SILVA, 1991, p. LXXXIII).

O carnaval foi institucionalizado, passando a ser de responsabilidade do poder público municipal. Ou seja, ganhou um novo status, deixando de ser uma festa “espontânea” e “livre”, como foi definida em algumas “falas” de antigos carnavalescos pernambucanos. O Departamento de Documentação e Cultura foi o responsável pela distribuição dos recursos financeiros para as agremiações carnavalescas entre os anos de 1955 a 1960. E era também este órgão o responsável pela punição dos grupos que não viessem desfilar perante o palanque da Federação Carnavalesca, assim como organizava o concurso em que tomavam parte as diferentes modalidades existentes no carnaval recifense. Em 1960, mediante novo decreto, o carnaval passa a ser objeto de uma nova regulamentação, sendo agora regido pela COC (Comissão Organizadora do Carnaval), com novo formato e composta por vários segmentos da sociedade pernambucana, como nos mostra o texto de Leonardo Dantas Silva:

[...] Pelo novo decreto, o carnaval do Recife passa a ser supervisionado por uma comissão formada por três vereadores, um representante da Federação Carnavalesca Pernambucana, um representante da

Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife e dois membros de livre escolha do prefeito do município, sob a presidência do diretor do Departamento de Documentação e Cultura. A Federação, antes mentora suprema do carnaval, passou a exercer o papel de fiscal e colaboradora. Assim passou a existir a Comissão Permanente do Carnaval que, pela lei número 9355, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena em 14 de dezembro de 1964, foi transformada em Comissão Organizadora do Carnaval (COC), presidida pelo Secretário de Educação e Cultura, tendo como membros cinco vereadores, quatro pessoas de livre escolha do prefeito, um representante da Federação Carnavalesca Pernambucana, um representante da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, um representante da Federação das Indústrias de Pernambuco e um representante do Governo do Estado (SILVA, 1991, p. LXXXIII-LXXXIV).

A COC foi a responsável pelo carnaval do Recife entre os anos de 1960 até 1972, quando foi substituída pela CPC, Comissão Promotora do Carnaval. Ao longo dos anos 1970, a CPC deu lugar a EMETUR, que foi substituída pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, criada em 1980, e que até hoje divide as responsabilidades de organização do carnaval junto com a Secretaria de Cultura da Cidade do Recife.¹⁴ O carnaval recifense sofreu uma paulatina institucionalização desde o momento em que foi “assumido” pelo poder público municipal. Esta institucionalização culminou com transformações diversas, algumas das quais combatidas ainda hoje pelos “tradicionalistas”, defensores do “carnaval participação” e contrários aos desfiles das agremiações em passarelas voltadas aos concursos. O ápice deste debate foi o ano de 1980, com a oficialização do “carnaval participação”, promovido por Leonardo Dantas, à época presidente da recém criada FCCR (Fundação de Cultura da Cidade do Recife). Este debate

¹⁴ Extinta a COC. Câmara dá o golpe final. *Diário da Noite*, 09/02/1972, capa; Câmara extingue COC e cria Comissão Permanente. *Diário da Noite*, 09/02/1972, p. 03, 1º caderno. A CPC foi criada pela lei número 10537, de 14 de setembro de 1972. A EMETUR foi extinta em 1979, devido à criação da FCCR, em 26 de abril de 1979.

foi marcado por reações contrárias e de apoio à principal medida, no caso, a extinção da passarela e dos concursos carnavalescos. As arquibancadas e a passarela, juntamente com o chamado “carnaval espetáculo”, foram objeto de combate por parte dos “tradicionalistas”, que viam no samba o maior perigo ao “legítimo carnaval pernambucano”:

[...] Em que pese as contínuas leis e decretos proclamando a supremacia do verdadeiro Carnaval do Recife, enfatizando a importância do frevo como sua criação maior, os anos cinquenta se notabilizaram pelo incentivo ao carnaval espetáculo em detrimento do carnaval participação. Para isso foi montada na Praça da Independência, apelidada pelos carnavalescos de “Quartel General do Frevo”, um plano elevado onde as agremiações se apresentavam para a comissão julgadora e autoridades [...] o chamado carnaval espetáculo veio em prejuízo do verdadeiro carnaval participação, louvado por Luís da Câmara Cascudo, *provocando uma verdadeira inflação de escolas de samba*, em detrimento dos clubes de frevo, blocos, caboclinhos e maracatus (SILVA, 1991, p. LXXXIV, grifo meu).

Para estes “tradicionalistas”, o samba reinava em Pernambuco, a então propalada terra do frevo. Sua presença era certa nos mais diversos carnavais organizados pelos clubes da classe média recifense. Diversas notícias dos clubes como Umuarama, Santa Cruz, Náutico, Português, Internacional e outros apontam que o samba, juntamente com o frevo, representava os sinônimos do que era verdadeiramente brincar o carnaval na época.¹⁵ E os desfiles na passarela eram o termômetro de quem

¹⁵ Carnaval com frevo e samba é melhor. Ziguezague, *Última hora*, 23/02/1964, p. 04, 2º caderno; Frevo e samba na aleluia da Rosa Amarela. *Diário da Noite*, 19/04/1965, p. 07; Samba está crescendo na capital quente do frevo. *Diário da Noite*, 03/03/1965, p. 11; Samba e frevo. *Diário da Noite*, 05/01/1966, p. 02; Folião não dá bola para guerra samba – frevo e brinca a vontade. *Diário da Noite*, 20/01/1966, p. 02; Samba e carnaval novo remédio para os nervos. *Diário da Noite*, 17/09/1966, p. 06; Frevo e samba no carnaval, Recife em foco. *Diário da Noite*, 27/12/1966, p. 04; São falsas as razões da “guerra fria” contra o samba. *Diário da Noite*, 19/01/1967, p. 06; Samba e frevo no réveillon do Wolff. *Diário da Noite*, 28/12/1967, p. 08; Cortejo e samba. *Diário da Noite*, 01/12/1969, p. 08, 1º caderno.

efetivamente dominava o cenário. Os resultados divulgados pelos jornais, enfatizando a presença do samba na avenida, mostravam que o mais esperado era mesmo o resultado do concurso das escolas de samba, pois estas aglutinavam uma enorme popularidade tanto entre as pessoas de classe média, como também entre os populares. Ainda hoje, por mais que os maracatus nação tenham conseguido arrebatado seguidores, o resultado mais aguardado pelos carnavalescos que se dirigem ao Pátio de São Pedro é o das escolas de samba, aliás, o último a ser anunciado, após interminável lista de categorias diversas: bois, ursos, troças, clubes, bonecos, caboclinhos, maracatus de orquestra e, ufa, maracatus nação.

Segundo Waldemar de Oliveira, “não eram os cariocas ou alienígenas que integravam estes grupos, mas gente que outrora estavam nos clubes e maracatus que migravam para as escolas” (OLIVEIRA, 1966, p. 12). Este fato é confirmado por Katarina Real, quando afirma que a maior parte dos dirigentes das escolas de samba foram participantes das agremiações de frevo no passado (REAL, 1990, p. 53).¹⁶ No terreno do carnaval espetáculo (a passarela), os clubes e as troças levavam imensa desvantagem em relação às escolas de samba. O frevo, enquanto manifestação cultural, não deveria ser cultivado no templo do carnaval espetáculo, a passarela e as arquibancadas:

[...] Compreendam-se bem as razões: frevo não é espetáculo, que nem as escolas de samba, mas participação do povo. Se não há povo participante, em quantidade e, sobretudo, em qualidade, que lhe dê corpo e alma, desfilará um ajuntamento de virtuosi ou pseudo-virtuosi, não frevo. Aproveito a “deixa”: uma das causas do declínio do frevo, no Recife, é que, aos desfiles carnavalescos, a “onda” não comparece. É, pelo visto, proibida. Quer dizer: de participante, o povo passou a espectador (OLIVEIRA, 1985, p. 56).

¹⁶ A citação completa é esta: [...] alguns dos diretores das escolas de samba da atualidade, eram, no passado, diretores de clubes, blocos ou troças – “éramos do frevo, hoje somos sambistas” (REAL, 1990, p. 53).

E por mais que os carnavalescos “pernambucanos”, defensores do frevo, tentassem levar à frente a peleja contra o samba, os resultados não seriam satisfatórios, conforme o raciocínio de Waldemar de Oliveira:

[...] Em 1971, os clubes de rua, reduzidos a um número melancólico (9 contra 18 escolas de samba), mostraram-se empenhados, para sobreviver, em assemelhar-se a elas, no aparatoso do vestuário, na adoção de “alas”, na estruturação geral do cortejo – mas, sem “onda”, a “onda” que era povo participante e já não é (OLIVEIRA, 1985, p. 144).

O combate ao “carnaval espetáculo” e ao samba, era marca registrada nas páginas dos jornais pernambucanos. Também o era a discussão em torno das políticas públicas, movidas em direção ao apoio desta ou daquela concepção de carnaval. Várias campanhas articuladas por intelectuais locais “defensores do carnaval participação”, que eram contra as passarelas e o carnaval espetáculo, vão defender certa tradição carnavalesca, onde o frevo em primeiro plano, e o maracatu em segundo, são apontados como ícones. Para estes intelectuais, o ano de 1976 representou um marco no debate contra a passarela, com a eleição de Germano Coelho para o cargo de prefeito da cidade de Olinda. Com ele vieram os discursos do chamado “carnaval participação”, o modelo oposto ao “carnaval espetáculo” e que caía como uma luva para os intelectuais pernambucanos, defensores do frevo e contrários ao “samba carioca”.¹⁷

É nesse debate que se inserem os textos de Evandro Rabelo e Leonardo Dantas, este último um dos principais protagonistas na “luta” contra a passarela e as arquibancadas. Com a indicação de Gustavo Krause para o cargo de prefeito da capital pernambucana no ano de 1979, o

¹⁷ Em Olinda carnaval ainda é participação. *Jornal da Cidade*, 19/02 a 25/02/1977, p. 08; Passarela não rima com carnaval. *Jornal da Cidade*, 26/02 a 04/03/1977, p. 13; Foi assim o carnaval participação. *Diário da Noite*. 23/02/1977, p. 08; Fim da passarela. *Diário de Pernambuco*, 20/02/1977, capa; Passarelas: uma imitação que sacrifica o carnaval. *Diário de Pernambuco*, 20/02/1977, p. a16; Opinião geral: é preciso mudar. *Diário de Pernambuco*, 24/02/1977, p. a4.

chamado “carnaval participação” ganhou um fôlego sem igual, através da nomeação de Leonardo Dantas para o cargo de presidente da Fundação de Cultura. Com ele vieram a proibição das arquibancadas e a determinação de que as agremiações deveriam desfilarem pelas ruas da cidade, sem cordões de isolamento e passarelas:

[...] Com a criação da Fundação de Cultura Cidade do Recife, pela Lei número 13535, sancionada pelo prefeito Gustavo Krause em 26 de abril de 1979, e regulamentada pelo Decreto número 11.254, de 19 de maio do mesmo ano, foi extinta a Empresa Metropolitana de Turismo e suas atribuições, inclusive a organização do Carnaval do Recife, passaram a ser exercidas pela nova instituição. *Tentou a Fundação de Cultura Cidade do Recife, como se depreende do folheto promocional por ela produzido para o carnaval de 1980, restaurar a tradição do carnaval participação, eliminando a passarela e espalhando a comissão julgadora das apresentações das agremiações em cinco diferentes pontos dos bairros da Boa Vista, Santo Antônio e São José* (SILVA, 1991, p. LXXXVI, grifo meu).

Essa ideia de “carnaval participação” foi “preparada” ao longo dos anos de 1976, 1977, 1978 e 1979, sendo reforçada a cada carnaval com as críticas ao sucesso das escolas de samba junto ao público e o desprestígio das agremiações de frevo e maracatu. Creio que não seria demais pensar, a julgar pela análise do trecho acima, que parte destes intelectuais “tradicionalistas”, desejosos da restauração das “tradições autênticas do carnaval pernambucano”, seguramente desejaria ver o retorno da época em que os participantes das agremiações populares se deslocavam a pé dos bairros em que as sedes de suas agremiações estavam localizadas, para o centro da cidade. Ressalte-se o fato de que a proibição das arquibancadas e da passarela em 1980 não foi recebida com aplausos ou passividade por parte das agremiações, principalmente entre os integrantes das escolas de samba, que representaram as vozes mais fortes e com maior dissonância perante o poder público municipal. Infelizmente não conheço quem dentre os maracatuzeiros e participantes das agremiações de frevo tenham sido contrários à extinção da passarela.

A este debate em torno da forma que deveria ser o carnaval, consubstanciado na existência das arquibancadas e da passarela, e a rejeição ao financiamento das agremiações carnavalescas pernambucanas por parte do poder público, acrescenta-se as discussões a respeito da validade ou não do samba nas ruas e no carnaval local. Este debate, marcado nas páginas dos jornais locais, perpassa as décadas de 1960, 1970 e 1980.¹⁸ No período

¹⁸ As notícias sobre o tema pululam nos jornais da época. Veja-se: Samba gera crise na COC. *Diário da Noite*, 22/12/1966, p. 04; Frevo e samba no carnaval, Recife em foco. *Diário da Noite*, 27/12/1966, p. 04; Maestro quer carnaval sem as comissões. *Diário de Pernambuco*, 03/12/1975, 1º caderno, capa; Frevo cede terreno para samba. *Diário de Pernambuco*, 06/12/1975, 1º caderno, p. 03; Na batalha frevo X samba escolas levam vantagem, Caderno Domingo. *Diário de Pernambuco*, 06/02/1977, p. 06; Carnaval está virando cinzas. *Diário de Pernambuco*, 05/02/1978, p. a12; Carnaval espetáculo decepciona. *Diário de Pernambuco*, 08/02/1978, p. a3; Na terra do frevo, o samba explode maior nas avenidas. *Diário de Pernambuco*, 08/02/1978, p. a3; Sem passarela e “cartolas”, Olinda dá lição de folia. *Diário de Pernambuco*, 08/02/1978, p. a11; Fiasco da “folia organizada” leva o povo a exigir o fim da passarela. *Diário de Pernambuco*, 13/02/1978, p. a3; Desfilas é para todos, sem discriminação. *Diário de Pernambuco*, 06/01/1980, p. a8; Carnaval de rua não terá cordões nem passarelas. *Diário de Pernambuco*, 08/01/1980, p. a11; Escolas de samba não querem desfilas sem as passarelas. *Diário de Pernambuco*, 13/01/1980, capa; Sambistas querem passarela. *Diário de Pernambuco*, 13/01/1980, p. a7; Passarela vira frevo, João Alberto. *Diário de Pernambuco*, 14/01/1980, p. c3; Boneco de Mola critica o carnaval participação. *Diário de Pernambuco*, 15/01/1980, p. a6; Galeria do Ritmo confirma presença. *Diário de Pernambuco*, 15/01/1980, p. a6; Carnaval participação, cartas à redação. *Diário de Pernambuco*, 15/01/1980, p. a8; “Galeria” e “Gigantes” irão à avenida. *Diário de Pernambuco*, 16/01/1980, p. a5; Escolas confirmam participação. *Diário de Pernambuco*, 16/01/1980, p. a5; Império não sai sem passarela. *Diário de Pernambuco*, 17/01/1980, p. a7; Escolas de samba vão desfilas. *Diário de Pernambuco*, 18/01/1980, p. a7; Carnaval sem passarelas, opinião. *Diário de Pernambuco*, 22/01/1980, p. a9; Despassarelição, opinião. *Diário de Pernambuco*, 24/01/1980, p. a11; O frevo sem coleira, cartas à redação. *Diário de Pernambuco*, 25/01/1980, p. a8; Carnaval sem passarela, cartas à redação. *Diário de Pernambuco*, 28/01/1980, p. a6; Povo contra passarelas/ Previsão. *Diário de Pernambuco*, 30/01/1980, p. 10; Banhistas não sai, mas é contra a passarela. *Diário de Pernambuco*, 31/01/1980, p. a6; Recife será a passarela. *Diário de Pernambuco*, 01/02/1980, p. a7; Pró e contra a passarela, opinião. *Diário de Pernambuco*, 01/02/1980, p. a11; Medida acertada, cartas à redação. *Diário de Pernambuco*, 03/02/1980, p. a10; Arquibancadas saem e frevo ganha ruas. *Diário de Pernambuco*, 05/02/1980, p. a8; De volta às origens, cartas à redação. *Diário de Pernambuco*, 08/02/1980, p. a8; Capiba: o pernambucano não aceita passarela. *Diário de Pernambuco*, 09/02/1980, p. a7; Acabou em tempo, cartas à redação. *Diário de Pernambuco*, 10/02/1980, p. a12; A verdade da escola, cartas à redação. *Diário de Pernambuco*, 12/02/1980, p. a10. Com foto; Recife a

de 1980 a 1983 houve carnavais em que as arquibancadas não existiram, prevalecendo as teses dos defensores do “carnaval participação” ou o carnaval de rua considerado mais autêntico e pernambucano, ao passo em que noutros momentos as reivindicações de parcelas da população e das agremiações carnavalescas resultaram na construção das arquibancadas e da passarela.¹⁹

A proibição da passarela e a reformulação dos concursos não se mantiveram por toda a gestão do prefeito Gustavo Krause. As reações movidas pelas escolas de samba, além das críticas de alguns intelectuais e jornalistas, a exemplo de Valdi Coutinho, que mantinha uma coluna no *Diário de Pernambuco*, intitulada *Cena Aberta*, foram mais fortes no sentido de fazer com que a passarela e as arquibancadas retornassem já no carnaval de 1984.²⁰ Com a vitória de Jarbas Vasconcelos nas eleições para prefeito em 1985, a passarela e as arquibancadas mais uma vez retornaram como opção de organização para o carnaval. Jomard Muniz, presidente da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, na gestão de Jarbas Vasconcelos em 1985, foi o principal arquiteto deste retorno, e por isso mesmo, recebendo pesadas críticas de Evandro Rabelo e Leonardo Dantas contra a sua gestão e os seus atos no ano de 1986.²¹

favor do adeus à passarela, Paulo Fernando Craveiro. *Diário de Pernambuco*, 13/02/1980, p. a6; Carnaval-80, editorial. *Diário de Pernambuco*, 17/02/1980, p. a10; Povo volta às ruas com carnaval livre. *Diário de Pernambuco*, 20/02/1980, p. a2; Capiba esperou 40 anos pelo carnaval livre de passarela. *Diário de Pernambuco*, 21/02/1980, p.a 4; Guerra Peixe elogia extinção da passarela. *Diário de Pernambuco*, 23/02/1980, p. a6; Ressurreição do carnaval. *Diário de Pernambuco*, 24/02/1980, p. a11; A volta do carnaval, cartas à redação. *Diário de Pernambuco*, 25/02/1980, p. a6.

¹⁹ Escolas de samba querem novo critério para tríduo. *Diário de Pernambuco*, 03/01/1984, p. a4; FCP quer a volta da passarela. *Diário de Pernambuco*, 10/01/1984, capa; Volta da passarela é sugerida, dividindo FCP e carnavalescos. *Diário de Pernambuco*, 10/01/1984, p. a4; Presidente da Federação Carnavalesca faz defesa. *Diário de Pernambuco*, 20/01/1984, p. a4; Carnaval terá arquibancada na Dantas Barreto. *Diário de Pernambuco*, 21/01/1984, capa; COC instalará arquibancadas e reduz roteiro das escolas. *Diário de Pernambuco*, 21/01/1984, p. a4; Declarada guerra contra os inimigos das arquibancadas. *Diário de Pernambuco*, 25/01/1984, p. a4.

²⁰ As coisas que eu vi no carnaval, cena aberta. *Diário de Pernambuco*, 23/02/1980, p. c9. Esta coluna, reservada para Valdi Coutinho, constituiu-se, na época, como uma das poucas vozes contra as medidas de extinção da passarela no carnaval pernambucano.

²¹ Recifense sim; subcarioca não! Opinião. *Diário de Pernambuco*, 24/01/1986, p. a7; Era

Estas questões refletem posicionamentos políticos distintos a respeito da condução da cultura pernambucana. Não se trata meramente de xenofobia dos pernambucanos em relação à “invasão” cultural dos cariocas, mas de reações distintas a respeito do próprio processo de espetacularização, bem como das políticas culturais que “afetariam” a identidade regional, cuja análise ampla escapa aos objetivos deste trabalho.

No tocante ao financiamento das agremiações, algumas matérias mostram que tal aspecto retirou dos carnavalescos toda a espontaneidade e alegria dos foliões, indicando que essas questões acerca das escolas de samba e da organização dos desfiles carnavalescos são importantes na medida em que sinalizam que o processo de espetacularização do carnaval foi tenso, eivado de disputas simbólicas por visibilidade e prestígio social. Essas contendas, hipótese que estou formulando, rebateram na organização dos maracatus e na sua conformação, enquanto cortejo ou dança dramática, e nos concursos das passarelas, sendo obrigados a trazer muitas pessoas para os desfiles, e também a adequar seus figurinos ao que passará a ser considerado luxuoso e digno de uma corte real (LIMA, 2009).

Para que estas linhas não sejam mal interpretadas, resta-me afirmar que dentro deste contexto em que concepções de carnaval foram pautadas, prevaleceu o modelo de um carnaval espetacularizado, com as escolas de samba em primeiro plano. Em outras palavras, os sambistas e as suas escolas de samba souberam manter seus espaços, na medida em que não permitiram a destruição da passarela. Foram, portanto, vitoriosos, apesar de terem sido silenciados. Hoje, passados mais de trinta anos, contudo, poucas são as pessoas que sabem da existência dos desfiles das escolas de samba e sua presença nos concursos organizados pela prefeitura da cidade do Recife para a passarela. Mas, elas ainda existem e levam consigo significativo

frevo, meu bem! Opinião. *Diário de Pernambuco*, 05/02/1986, p. a7; Fundação só vê críticas entre os saudosistas. *Diário de Pernambuco*, 13/02/1986, p. a8; Que diabo é frevioca?/ Maracatu centenário pode deixar o Recife/ Carnaval não é bem isso, esquina. *Diário de Pernambuco*, 24/02/1986, p. a7; Carnaval “João Santiago” é analisado hoje na Fundação. *Diário de Pernambuco*, 26/02/1986, p. a9; Boa Viagem completou dez anos de carnaval/ Uma cópia carioca/ a música do carnaval/ ausência de frevioca, esquina. *Diário de Pernambuco*, 03/03/1986, p. a7; Ecos do carnaval, opinião. *Diário de Pernambuco*, 04/03/1986, p. a7.

número de pessoas, seja em suas fileiras, sambando ao som das baterias, seja nas arquibancadas, torcendo por Gigantes do Samba, Galeria do Ritmo, Estudantes de São José, dentre outras...

Escolas de samba e maracatus: trocas e diálogos

O mais importante nessa questão é perceber que os maracatus também souberam adaptar-se ao contexto em que estavam imersos. Ora, se a passarela e as arquibancadas foram um dos muitos frutos da espetacularização da cultura, e as escolas de samba foram privilegiadas por estarem associadas à ideia de espetáculo, os maracatus-nação de modo geral estabeleceram suas estratégias no sentido de se adaptar às circunstâncias, nem sempre favoráveis.

Claro que nem todos os maracatus foram hábeis nesse processo, a exemplo do Leão Coroado, que feneceu ao longo dos anos 1980, para nunca mais recuperar a sua grandeza de outrora; e o Estrela Brilhante, que de grande ganhador do carnaval nos anos 1970, passou a condição de mero coadjuvante, aspecto que só mudará ao longo dos anos 1990, sob a liderança da Rainha Marivalda, atual soberana do grupo. Madalena, após severas divergências com seu dirigente, conhecido como Cabeleira, afasta-se do Estrela Brilhante, e consigo leva o seu séquito, indo abrigar-se no recém-criado Elefante, que doravante iria compor, a partir de 1986, um novo campo de disputas pela hegemonia entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras.

O Estrela Brilhante só voltaria a recuperar seu brilho após o colapso do Elefante, e principalmente por ter sido o principal beneficiado de um contexto fortemente marcado pela “defesa da cultura pernambucana”, consubstanciado no movimento mangue, e na presença de jovens músicos ligados às bandas que surgiam aos montes no período (GALINSKY, 1998; LEÃO, 2002; VARGAS, 2007; LIMA, 2007; NETO, 2008a; 2008b; TELES, 2012). Estes jovens, a exemplo de Eder (integrante da banda Mestre Ambrósio), as irmãs Cristina e Virginia Barbosa, dentre outros e outras, irão propiciar a abertura das portas do Estrela Brilhante para um intenso diálogo com a classe média recifense, permitindo-lhe obter dividendos diversos, a exemplo da

participação em vários eventos em que as bandas de rock estavam presentes. Abril Pro Rock, PE no Rock, Expo 2000 (em Hanoover, na Alemanha) foram alguns dos muitos eventos em que o Estrela Brilhante se fez presente.

Devo, entretanto, antes de incursionar pelas novas searas da atualidade, marcada pelas fortes disputas entre Estrela Brilhante e Porto Rico, reconstituir o campo de disputas que foi consagrado ao longo dos anos 1970 e 1980. Nestes períodos, os atores e as atrizes eram outros, fundamentais para se entender as mudanças que foram operadas nos maracatus da contemporaneidade.

Para os maracatuzeiros e maracatuzeiras da atualidade, não se pode afirmar que o desfile na passarela, momento em que o concurso está sendo disputado, representa o ápice de um ciclo carnavalesco. Se a passarela corroborou para que o carnaval fosse reduzido à disputa no concurso, e se tal realidade era bastante evidente nos anos 1970 e 1980, na atualidade outros espaços foram constituídos, a exemplo da Noite dos Tambores Silenciosos e da Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos, eventos a que me referi anteriormente. Claro que esta realidade não estava configurada nos anos 1970 e 1980, uma vez que a própria Noite dos Tambores Silenciosos ainda se encontrava em processo de consolidação. Mas, na atualidade, um significativo número de maracatus abandonou o concurso, motivados por razões diversas.

Tomando o texto de Maria Laura Viveiros como contraponto, estabeleço algumas das observações necessárias para o entendimento do contexto atual vivido pelos maracatus:

[...] Numa acepção ampla, carnaval não designa, portanto, a festa simplesmente, mas todo o processo que nela desemboca. E, do ponto de vista de uma escola, a totalidade do carnaval pode ser dividida em duas realidades distintas: “uma coisa é o contexto do carnaval”, tudo o que é exterior à escola e decorre da existência do desfile competitivo; “outra coisa é o samba” que remete à interioridade da escola (CAVALCANTI, 1999, p. 12).²²

²² Esta discussão também pode ser vista em: Cavalcanti (2006).

Comparados com os maracatus há inúmeras diferenças. O desfile é um dos muitos momentos, e em alguns casos é o ápice, o momento crucial, mas há casos em que o carnaval como um todo representa o ponto culminante. Destaque-se o combate feito por alguns intelectuais à participação dos maracatus no concurso, e a forte pressão dos folcloristas contra o mesmo. Houve, por exemplo, a posição de Ubiracy Ferreira, articulador do Maracatu Sol Nascente recentemente falecido, e antigo militante do movimento social negro, que mostrava a existência de descompassos entre o concurso e os maracatus. O quadro atual de maracatus mostra a existência de um gradiente de opções em que as muitas possibilidades são aproveitadas pelos mais diversos grupos em funcionamento. Alguns maracatus optam pela recusa do concurso, e fazem disto sua principal estratégia performática, ao passo que outros têm no concurso o momento maior, e tais escolhas são o reflexo das estratégias adotadas pelos grupos em questão.

Em regra geral, os maracatus que optam pela recusa em participar do concurso, o fazem por razões diversas, mas é importante destacar que pelo menos dois destes grupos, o Leão Coroado atual e o Sol Nascente, possuem extrema coerência em seus formatos, performances e estratégia política. Ambos, por exemplo, não se utilizam da adoção de grupos em seus desfiles, mesmo por que não o fazem na passarela em que estes ocorrem. E também não utilizam as saias de armar, recurso adotado pela quase totalidade dos maracatus que optam por participar do concurso. A saia de armar, usada pelas mulheres na corte sob os vestidos para lhes dar maior volume, pode ser considerada uma das muitas heranças fruto dos diálogos entre os maracatuzeiros e os sambistas. Permite aos maracatus um aumento de tamanho dos seus grupos na passarela, posto que o vestido de uma só pessoa ocupa um espaço maior. Se nos anos 1960, as fotos dos desfilantes mostram que os vestidos das mulheres eram armados na “goma”, os anos 1970 indicam que alguns maracatus passaram a se utilizar de tal recurso. Nos anos 1980, praticamente todos os grupos que disputaram o concurso de maracatus, fizeram uso das saias de armar em suas desfilantes.

A adoção das plumas, lamê, veludo e do excesso de lantejoulas é outra questão que pode ser apontada como fruto da adaptação dos maracatus ao contexto marcado pela passarela e pelo concurso. O brilho, a beleza, o luxo

e o glamour, não eram perceptíveis nos maracatus contemporâneos à época de Dona Santa. Luiz de França também não se utilizava desta estratégia, e Cabeleira também se mostrava cauteloso na adoção de tais adornos e recursos no seu maracatu. O certo é que à medida que Elda Viana, do Porto Rico, inovava nos seus desfiles e arrebatava os campeonatos, os demais maracatus procuravam imitá-la, mesmo que de forma tímida. O que não passou despercebido pelos “tradicionalistas de plantão”, denunciando que os maracatus estavam se descaracterizando.

Outro aspecto que considero fruto deste diálogo e adaptação dos maracatuzeiros e maracatuzeiras com a espetacularização é a adoção de mudanças no formato dos desfiles dos maracatus na passarela. Se até mesmo Zé Gomes recusava desfilantes ocasionais, optando por aqueles que mantinham certo vínculo com o Indiano ao longo do ano, após a estratégia de Elda Viana, praticamente todos os maracatus começaram a apostar na contratação de grupos, ou no estabelecimento de parcerias com vistas à presença de um grande número de desfilantes na passarela. E há ainda os grupos que se constituem em mescla de heranças das escolas de samba e quadrilhas juninas, a exemplo dos maracatus Aurora Africana e Leão da Campina. Os cortejos cresceram enormemente, sobretudo pelo fato de que agora não mais desfilam apenas os que possuem vínculos orgânicos com o grupo. Esta é uma das mais significativas mudanças operadas no seio dos maracatus, e que deve ser vista como uma herança direta das escolas de samba, pródigas em tal prática.

E outra mudança é importante de ser ressaltada: a organização do desfile. Se antes os maracatus não possuíam alas, agora os seus articuladores procurar fazer seus desfiles observando atentamente os critérios dos concursos. As alas, mesmo que desprovidas da formalidade existente nas escolas, passam a ser outra das muitas heranças que os maracatus receberam neste diálogo com as escolas de samba e o espetáculo.

[...] Uma escola de samba compõe-se basicamente do conjunto de suas alas e de sua diretoria. As alas de uma escola são suas raízes, “sua força”, como dizem seus membros. As características essenciais de uma grande escola parecem estar intimamente ligadas à

vida dos componentes de suas alas mais permanentes (CAVALCANTI, 1999, p. 13).

Os maracatus não possuem alas organizadas de modo formal, como as escolas de samba do Rio de Janeiro, ou suas congêneres pernambucanas. Nos anos 1960, 1970 e 1980 prevaleceram os modelos de maracatu baseados na relação orgânica, ou seja, o desfilante era possuidor de laços com o maracatu, seja através de vínculos com seu dono ou dona, seja por dispor de liames com o terreiro em que a rainha ou o mestre eram figuras de destaque. Sem poder generalizar, mas, grosso modo, quase todos os maracatus possuem ou um dono ou uma dona, o que faz com que as dimensões dos grupos sejam reduzidas às posses materiais deste ou desta, bem como o seu poder de articulação e carisma. A existência de um dono ou dona não exclui os conflitos e os choques pelo controle do grupo, posto que de tempos em tempos ocorram notícias de choques pelo controle deste ou daquele maracatu.

Nos anos 1980 algumas novidades começam a aparecer em cena. O Porto Rico, “ressurgido” em 1981 sob a articulação de Armando Arruda, que entrega os destinos do grupo para a sua atual proprietária, Elda Viana, rainha do referido maracatu, é o grande responsável pela maior parte destas mudanças. O Porto Rico se via na condição de superar uma grande rainha de maracatu, Dona Madalena, que na época se encontrava no Estrela Brilhante, e foi o grande campeão dos carnavais de 1981 e 1982. Em 1980 o campeão havia sido o Indiano, considerado o grande rival do Estrela Brilhante, e que havia sido o antigo maracatu de Dona Madalena.²³

²³ Armando Arruda, falecido em 2013, foi articulador de vários maracatus nação, e até sua morte dirigia o Leão de Judá. Elda Viana é a atual rainha do Maracatu Porto Rico, grupo que será homenageado no carnaval de 2016. Dona Madalena foi rainha dos maracatus Leão Coroado, Indiano, Estrela Brilhante e Elefante ressurgido. Faleceu no ano 2000, após o trágico assassinato de sua neta, Rosinete, que foi esposa de Antônio Nogueira Barros, atual articulador e mestre do Maracatu Nação de Luanda. Juntos, ela e o seu ex-marido articulavam o Maracatu Nação Elefante (ressurgido), que tinha Maria Madalena como rainha. Ambos constituíram um dos principais grupos que disputou com o Maracatu Nação Porto Rico, a hegemonia entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras ao longo dos anos 1980 e 1990. Sua morte foi notícia em diversos jornais: Fuzilada a rainha do Maracatu Elefante.

Como fazer para superar Dona Madalena e o seu poderoso Estrela Brilhante? Elda Viana, nas memórias de alguns de seus integrantes, apostou no uso de plumas, lamês e muita gente na passarela. Lançou mão do discurso de que era uma rainha tradicional (o caso da sua polêmica coroação na igreja do Rosário dos Homens Pretos, que até hoje permanece um mistério), como forma de disputar a hegemonia com Madalena. Muitos desfilantes, um maracatu enorme, maior ou do mesmo tamanho que uma escola de samba. Essas eram as armas do Porto Rico na luta pela hegemonia. E esta estratégia lhe valeu o título de 1983, ano em que Madalena começava a ter problemas com Cabeleira, o então proprietário do maracatu Estrela Brilhante. Madalena já havia enfrentado problemas nos maracatus anteriores: Leão Coroado e Indiano. Cabeleira se recusava a gastar mais dinheiro do que já fazia e novamente o Porto Rico arrebatou o título em 1984. A estratégia de Elda Viana consistia no convite a outros grupos para virem desfilarem em seu maracatu, em troca de favores ou mesmo de alguma remuneração. O maracatu cresceu em número de integrantes na passarela, mas isso não significava que estes eram possuidores de vínculos com o grupo, ou com a referida rainha.

Era preciso oferecer um espetáculo ao público, estes eram os anos de auge do desfile das escolas de samba, e a querela entre os defensores do “carnaval participação” e o carnaval de arquibancadas havia sido vencida pelos últimos, apesar das fortes resistências movidas pelos primeiros. A estratégia de Elda Viana, de romper com os limites do grupo se mostrava acertada para aquelas circunstâncias. Fazer do maracatu um grupo grande, com muito brilho e glamour. Esta estratégia passou a ser copiada por Antônio Roberto, no Elefante ‘ressurgido’ em 1986. E isto lhe valeu alguns títulos, mas nem de perto o mesmo número que os alcançados por Elda Viana, rainha do Porto Rico.

O que importa para nossa discussão, entretanto, é de que os maracatus da atualidade refletem as escolhas feitas pelos maracatuzeiros

Ciúme pode ter provocado a morte da carnavalesca. *Folha de Pernambuco*, 11/07/2000, capa; Assassinada rainha do Maracatu Elefante. Ela dançou com um amigo, que levou bala e morreu. *Folha de Pernambuco*, 11/07/2000, p. 9.

e maracatuzeiras do passado, em meio às tensões, choques e campos de força em que estavam imersos. Da mesma forma que existe uma relação que explique o crescimento das escolas de samba pernambucanas com a consolidação do carnaval espetáculo, há também liames entre as modificações operadas no seio dos maracatus com este contexto. As trocas resultantes dos diálogos com os sambistas são os aspectos mais evidentes desta questão.

Tal quadro ajuda a entender também o lugar ocupado pelos maracatus nação na atualidade. O sucesso que fazem é forte o suficiente a ponto de alguns dos batuques serem mais extensos do que as baterias das maiores escolas de samba da atualidade. Tal questão pode ser entendida apenas como o reflexo de um sucesso iniciado nos anos 1990 com o movimento mangue, ou é o resultado de escolhas que há muito vem sendo operadas no seio dos maracatus nação? O sucesso atual dos maracatus nação não pode ser creditado apenas ao movimento mangue ou a uma pretensa globalização. A busca por fatores exógenos ao protagonismo maracatuzeiro deve ser visto com desconfiança...

A adoção de elementos voltados à natureza do espetáculo, na constituição do maracatu, é mais facilmente perceptível quando observamos os seus batuques de forma mais atenta. Se entre os batuqueiros e batuqueiras há certo desprezo para com os instrumentos considerados menores (ou, em outras palavras, se há certa primazia da afaya em relação aos demais instrumentos), este mecanismo também ocorre no momento do toque. Se em um passado não muito distante, o batuqueiro só dispunha do direito de executar um solo, que na gíria maracatuzeira é conhecida por “virar”, após a comprovação de que era um músico dedicado ao grupo, hoje este é um dos primeiros objetivos de todos e todas que vejo adentrando os batuques. “Virar na afaya”, neste aspecto, deve ser entendido como um dos muitos recursos para o exercício do poder e da diferença. Trata-se, a meu ver, de entender como se processa estas diferenças no contexto pós-movimento mangue, quando as afayas ganharam maior importância em relação aos demais instrumentos.

Mas, outra questão precede a este aspecto. Se no âmbito dos batuques, a distinção está em “virar” a afaya, para o grupo como um

todo, trata-se de executar uma maior variedade possível de toques. No contexto atual da espetacularização, não basta apenas à execução de razoável número de variações rítmicas. É preciso “inventar toques e convenções”, inovando a todo instante, pois o público está olhando e prestando atenção. É preciso inovar com o uso de novos instrumentos, além de necessariamente dispor de uma sofisticada complexificação dos toques, dos estilos e variações rítmicas como forma de responder as novas exigências de um contexto em que os maracatus precisam marcar a diferença, tornando-a mais evidente. A Noite dos Tambores Silenciosos, a Abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos e o próprio desfile na passarela são os momentos em que os grupos executam seus espetáculos. Parece que a batalha da espetacularização foi vencida e as agremiações carnavalescas foram capturadas por esta lógica. Ao contrário de lamentar as modificações provocadas, meu papel, enquanto historiador, deve se centrar na agência dos carnavalescos, não enquanto vítimas de um processo perverso, mas como pessoas que buscam nesses movimentos um lugar ao sol em meio à multidão que disputa a batalha do carnaval. Afinal de contas, festejar e viver são partes indissociáveis do carnaval!

Referências

- BENJAMIN, Roberto Câmara. Samba de carnaval. In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas. *Antologia do carnaval do Recife*. Recife: Massangana, 1991, p. 335 – 336.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 1998, 2ª edição.
- CARVALHO, Ernesto Ignácio de. *Diálogo de negros, monólogo de brancos: transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, UFPE, 2007.
- CARVALHO, José Jorge. *Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria de entretenimento*. Brasília: UNB, série Antropologia, 2004.

- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca*. Dos bastidores ao desfile. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O rito e o tempo*. Ensaios sobre o carnaval. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A História cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.
- CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência*. Aspectos da cultura popular. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GALINSKY, Philip. *Maracatu atômico: Tradition, Modernity, and Postmodernity in the Manguê Movement and “New Music Scene” of Recife, Pernambuco, Brazil*. Middletown: Wesleyan University, 1998.
- LEÃO, Carolina Carneiro. *A maravilha mutante: batuque, sampler e pop no Recife dos anos 90*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França, As nações de maracatu e os grupos percussivos: as fronteiras identitárias. *Afro-Ásia*, v. 49, p. 71-104, 2014.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e a África*. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular - (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, UFF, 2010.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Identidade Negra do Recife: maracatus e afoxés*. Recife: Bagaço, 2009.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus do Recife: novas considerações sob o olhar dos tempos*. Recife: Edições Bagaço, 2012.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias*. Recife, 1930-1945. Recife: Edições Bagaço, 2008.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. Zé Gomes e o Maracatu Indiano: famoso e ilustre no seu tempo, desconhecido entre os maracatuzeiros da atualidade. *Cronos*, Natal, v. 15, n.1, p. 50-71, 2014.

- LIMA, Ivaldo Marciano de França; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Cultura afro-descendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós*. Recife: Bagaço, 2007.
- LIMA, Tatiana Rodrigues. *Manguebeat – Da cena ao álbum: performances midiáticas de Mundo Livre S/A e Chico Science & Nação Zumbi*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.
- NETO, Moisés. *Chico Science – a rapsódia afrociberdéliica*. Recife: Edições Ilusionistas; Livro Rápido, 2008a.
- NETO, Moisés. *Chico Science, Zeroquatro & Faces do Subúrbio*. Recife: Edições Ilusionistas; Livro Rápido, 2008b.
- OLIVEIRA, Waldemar. A recriação popular. *Boletim da Comissão Pernambucana de Folclore*, 1966.
- OLIVEIRA, Waldemar. *Frevo, capoeira e passo*. Recife, CEPE, 1985 [1971].
- REAL, Katarina. *Eudes, o rei do maracatu*. Recife: FUNDAJ; Massangana, 2001.
- REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1990 [1967].
- SILVA, Augusto Neves. E o Recife Sambou: disputas e conflitos em torno das primeiras escolas de samba. *Saeculum*, v. 27, p. 123-141, 2012.
- SILVA, Augusto Neves. *Quem gosta de samba, bom pernambucano não é? (1955-1972)*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Recife, UFPE, 2011.
- SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife. In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas. *Antologia do carnaval do Recife*. Recife: Massangana; Fundaj, 1991, p. LXXXII-LXXXIII.
- SILVA, Leonardo Dantas; MAIOR, Mário Souto. (Org.) *Antologia do Carnaval do Recife*. Recife: Massangana; Fundaj, 1991, p. LXXXIV.
- TELES, José. *Do frevo ao manguebeat*. 2. ed.. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- VARGAS, Heron. *Hibridismo musicais em Chico Science & Nação Zumbi*. Cotia: Atêlie Editorial, 2007.